

**CACCIAPUOTI, Pierluigi – *La Natura del Peccato Originale: Tra Paolo di Tarso e Agostino d’Ippona*. Milão: Ancora, 2017, 304 p. Studi e Ricerche.**

O professor Pierluigi Cacciapuoti apresenta-nos uma belíssima obra que nos põe a refletir sobre a origem do mal na humanidade. Certo é que o seu livro começa e termina com questões que procuram abrir e renovar o entendimento do leitor. O autor parte da análise do epistolário paulino, concretamente das duas cartas aos Coríntios, da carta aos Gálatas e daquelas dirigidas aos Romanos, Filipenses, Colossenses e Efésios.

Num segundo momento do seu livro, Cacciapuoti chama a atenção do leitor para a relação entre a graça de Deus e o pecado do homem, indo de Adão a Jesus Cristo. Para valorizar essa relação, a obra destaca ainda o terceiro capítulo do livro dos Génesis e alguns escritos apócrifos do Antigo Testamento. Daí o autor parte para um estudo exegético acerca do pecado original, passando por autores como Bonhoeffer, von Rad, Wénin e Blenkinsopp. Em seguida, o livro apresenta-nos a perspectiva de Santo Agostinho acerca do tema em questão: o pecado original.

Em síntese, o autor revela que o entendimento Paulino foca-nos, não no passado, mas no presente e no futuro da redenção de Cristo e em Cristo. De facto, a salvação é ativa e em perspectiva do

seu definitivo cumprimento. Ao mesmo tempo, Cacciapuoti sublinha que com Agostinho a reflexão volta-se sobretudo para o passado e para a obscuridade do pecado passado, em seus tons destrutivos e desconfiguradores, tanto assim que a culpa pesa sobre a humanidade. Tanto assim, continua Cacciapuoti, que se tendeu a desvalorizar a natureza humana enquanto imagem e semelhança de Deus. O tema passou então a ser a ideia de a razão e a vontade terem sido tomadas pela concupiscência.

O autor propõe integrar dois principais polos: o pecado original enquanto uma possibilidade humana e o mistério de Cristo como obra redentora real e eficaz. Efetivamente, a morte e a ressurreição do Filho de Deus infundiram definitiva e totalmente a esperança que permite à humanidade desenvolver-se segundo a graça de Deus. Apenas Jesus conseguiu e permite a evolução real, ontológica, que destrói o pecado das origens e o transforma em vida divina, abrindo definitivamente a concretização das promessas escatológicas no sentido da plenitude. Assim se deu e dá a renovação antropológica e cósmica já concedidas por Jesus e completadas no Último Dia (p. 281).

Bernardo Corrêa d’Almeida